

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

AVALIAÇÃO DA FLUÊNCIA DE LEITURA DOS ALUNOS DA 2.a CLASSE EM ANGOLA: ANÁLISE DO RELATÓRIO DA AVALIAÇÃO NACIONAL DAS APRENDIZAGENS DE 2024

Francisco Mateus

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12762>

Submetido em: 2025-07-24

Postado em: 2025-07-29 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Cireneu de Jesus André Francisco (ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9567-2944>)

AVALIAÇÃO DA FLUÊNCIA DE LEITURA DOS ALUNOS DA 2.^a CLASSE EM ANGOLA: ANÁLISE DO RELATÓRIO DA AVALIAÇÃO NACIONAL DAS APRENDIZAGENS DE 2024

ASSESSMENT OF READING FLUENCY AMONG 2ND-GRADE STUDENTS IN ANGOLA: ANALYSIS OF THE 2024 NATIONAL LEARNING ASSESSMENT REPORT.

EVALUACIÓN DE LA FLUIDEZ EN LA LECTURA DE LOS ALUMNOS DE 2.º GRADO EN ANGOLA: ANÁLISIS DEL INFORME NACIONAL DE APRENDIZAJES DE 2024

Francisco Luís Mateus “ Saluka ya Ngongo”

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7151-3419>

Mestrando em Ciências da Educação, opção Ensino Primário. Professor do Complexo Escolar No.1 São Marcelino Champagnat de Ndalatando. Cuanza Norte. Angola

Email: franciscanomateus@gmail.com

RESUMO

A fluência de leitura é um tema ainda pouco explorado ou estudado em Angola. Falar de fluência de leitura, em Angola, é um caso muito sério, uma vez que o português, como língua de escolaridade, coabita com as demais línguas bantu, constituindo, assim, turmas heterogêneas. Os alunos da 2.^a classe apresentam dificuldades acentuadas de reconhecimento de palavras, de compreensão e interpretação de textos, bem como de precisão e expressividade de leitura. O presente estudo pretende analisar os resultados da avaliação de fluência de leitura dos alunos da 2.^a classe em Angola a partir do Relatório da Avaliação Nacional das Aprendizagens de 2024. Para realização da pesquisa, utilizamos o paradigma metodológico de carácter interpretativo com recurso à técnica documental. Os principais resultados da pesquisa apontam que alunos em áreas urbanas apresentam melhores resultados escolares sobre o domínio da fluência de leitura em comparação com os alunos das zonas rurais ou periféricas. O estudo também evidenciou que as escolas públicas do Ensino Primário em Angola carecem de livros infantis, pois muitos alunos do Ensino Primário terminam este nível sem ter lido pelo menos um livro infantil, outrossim, as políticas educacionais em Angola estão muito longe de serem concretizadas na vida dos alunos.

Palavras-chave: Fluência leitora; compreensão leitora; alunos da 2.^a Classe; Angola.

ABSTRAT

Reading fluency is a topic that is still little explored or studied in Angola. Discussing reading fluency in Angola is a very serious matter, given that Portuguese, as the language of schooling, coexists with various Bantu languages, thus creating heterogeneous classrooms. Second-grade students show significant difficulties in word recognition, text comprehension and interpretation, as well as in reading accuracy and expressiveness. This study aims to analyze the results of the reading fluency assessment of second-grade students in Angola, based on the 2024 National Learning Assessment Report. To conduct the research, we used an interpretive methodological paradigm with the use of document analysis techniques. The main findings of the study indicate that students in urban areas achieve better school performance in terms of reading fluency compared to students from rural or peripheral areas. The study also highlighted that public primary schools in Angola lack children's books, as many students complete primary education without having read even a single children's book. Furthermore, educational policies in Angola are far from being realized in the lives of students.

Keywords: Reading fluency; reading comprehension; second-grade students; Angola.

RESUMEN

La fluidez lectora es un tema aún poco explorado o estudiado en Angola. Hablar de fluidez lectora en Angola es un asunto muy serio, ya que el portugués, como lengua de escolarización, convive con otras lenguas bantúes, conformando así aulas heterogéneas. Los alumnos de segundo grado presentan dificultades acentuadas en el reconocimiento de palabras, en la comprensión e interpretación de textos, así como en la precisión y expresividad de la lectura. El presente estudio pretende analizar los resultados de la evaluación de la fluidez lectora de los alumnos de segundo grado en Angola, a partir del Informe de la Evaluación Nacional de los Aprendizajes de 2024. Para la realización de la investigación, utilizamos el paradigma metodológico de carácter interpretativo, recurriendo a la técnica documental. Los principales resultados de la investigación señalan que los alumnos de las zonas urbanas presentan mejores resultados escolares en cuanto al dominio de la fluidez lectora, en comparación con los alumnos de las zonas rurales o periféricas. El estudio también evidenció que las escuelas públicas de Educación Primaria en Angola carecen de libros infantiles, ya que muchos alumnos terminan este nivel sin haber leído al menos un libro infantil. Asimismo, las políticas educativas en Angola están muy lejos de hacerse realidad en la vida de los estudiantes.

Palabras clave: fluidez lectora; comprensión lectora; alumnos de segundo grado; Angola.

INTRODUÇÃO

A fluência de leitura é um tema ainda pouco explorado internacionalmente com maior particularidade em Angola. Inicialmente, os estudos que se têm sobre a leitura abordam apenas sobre a habilidade do reconhecimento de palavra e a habilidade de compreensão textual. Na mesma linhagem, estes estudos apontam que o domínio da fluência de leitura ajuda na compreensão leitora, embora não haja consenso sobre esta situação. Carver (1990) como citado em Oliveira (2016), defende que “os níveis de fluência se modificam à medida que os leitores se vão desenvolvendo; a velocidade da leitura aumenta com o desenvolvimento da leitura” (p.417). Segundo Meggiato et al. (2021), os alunos “à medida que (...)realizam a decodificação de forma fluente, lendo com velocidade progressivamente maior, passam a ler mais e se familiarizam com a forma visual das palavras encontradas frequentemente” (p.3).

A fluência de leitura é uma habilidade que consiste numa leitura com precisão, com rapidez e com expressividade. Por causa de haver poucos estudos sobre esta habilidade, os alunos enfrentam várias dificuldades sobre leitura, daí é que os professores aplicam metodologias inadequadas e descontextualizadas no ensino da leitura, porquanto, Oliveira (2016), considera que “se os alunos se depararem com textos com os quais não estejam familiarizados, encontrarão dificuldades na sua compreensão, pois não possuem os mecanismos necessários que os transformem em leitores autônomos capazes de superar as dificuldades de compreensão durante o processo de leitura” (p.428).

Em Angola, quando se diz de fluência de leitura, é um caso muito sério e que precisa de vários estudos, uma vez que existe várias línguas nacionais e apenas uma língua de escolaridade, no caso, a Língua Portuguesa. Muitas crianças têm o Português como língua Segunda (PL2) e só começam a se familiarizar com ele na escola. De acordo com Augusto (2020), “alguns docentes promovem o ensino de Língua Portuguesa, só numa perspectiva, não reconhecendo as variedades locais e dificultam o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa e de outras línguas maternas aos alunos” (pp.26-27). Meggiato (2022), considera a “linguagem como uma aquisição cultural, é preciso definir também a influência dos fatores externos, familiares, sociais e escolares no desenvolvimento da compreensão” (p.28). Vale afirmar que uma quota-parte de professores do Ensino Primário possui, na maior parte dos casos, uma formação não especializada ou ainda deficiente, quer pedagógica, quer linguística. Tal

realidade, portanto, leva os professores a encontrarem muitas dificuldades no que diz respeito ao ensino da leitura e, como consequência, os alunos acarretam inúmeros problemas relacionados com a leitura fluente (Bulo, 2024).

Atualmente é muito visível que alunos da 2.^a classe ainda apresentam dificuldades acentuadas de reconhecimento de palavras, falta de precisão e expressividade e com muitas dificuldades de compreensão e interpretação de textos.

O Ministério da Educação, através do Instituto Nacional da Avaliação e de Desenvolvimento da Educação (INADE), realizou, no ano letivo 2023-2024, avaliação ao nível nacional sobre as aprendizagens dos alunos. Vale sublinhar que o Ministério da Educação de Angola aplicou, entre 15 de Abril e 10 de Maio de 2024, a avaliação de fluência de leitura a alunos da 2.^a classe. Destarte, para dar substância a presente pesquisa, elaboramos a seguinte pergunta de partida: quais são os resultados da avaliação da fluência de leitura dos alunos da 2.^a classe em Angola a partir do relatório da Avaliação Nacional das Aprendizagens de 2024?

Com base à pergunta de partida, a pesquisa busca analisar os resultados da avaliação da fluência de leitura dos alunos da 2.^a classe em Angola a partir do relatório da Avaliação Nacional das Aprendizagens de 2024.

A nossa pesquisa é do tipo qualitativo. Quanto ao paradigma da pesquisa ela é compreensiva, ou seja, é de carácter interpretativo, uma vez que busca compreender “o significado e o sentido da ação social” (Bastos & Ferreira, 2016, p.117). Neste caso, a nossa maior preocupação é aprofundar os nossos conhecimentos para melhor compreendermos os fatores político-educacionais e socioeconómicos que impedem os alunos da 2.^a classe em Angola desenvolverem a habilidade de fluência de leitura. A abordagem teórica que sustenta a nossa pesquisa é materialista, pois na visão de Carvalho (2010, p.15), a abordagem teórica materialismo-dialética “considera a complexidade de fatores interferindo no fenómeno em estudo, considerando que qualquer conhecimento direta ou indiretamente objetiva o homem e a sociedade”. Optamos por esta teoria para nos facilitar compreender a interligação dos fatores que estão associados com o problema em estudo. Outrossim, optamos pelo materialismo-dialético pelo facto de que nesta corrente teórica “não é possível analisar um fenómeno – uma organização, por exemplo – sem relacioná-lo ao contexto no qual se localiza, ao momento histórico em que se encontra, aos determinantes históricos, económicos e culturais” (Bastos& Ferreira, 2016, p.121).

Fruto da leitura do relatório da Avaliação Nacional das Aprendizagens de Angola do ano letivo 2023-2024, surgiu a necessidade de estudarmos sobre a fluência de leitura, uma vez que é um tema muito novo na esfera académica angolana. Com base na literatura consultada, percebe-se que a nossa pesquisa é um dos poucos estudos em Angola que levanta problemática sobre a fluência de leitura, sendo assim, esta pesquisa servirá de *input* para novos estudos.

PROMOÇÃO DA LITERACIA NAS CLASSES INICIAIS DO ENSINO PRIMÁRIO EM ANGOLA

O ensino da leitura e da escrita começam no Ensino Primário, pois, é neste nível de ensino onde as crianças começam a ser orientadas a decodificar e codificar palavras, frases e textos. Neste sentido, “é imperioso incentivar o hábito de leitura e de escrita a partir das classes iniciais para que as crianças e os alunos cresçam, com hábito de ler e de escrever, de modo a torná-los cidadãos-leitores” (Decreto Presidencial n.º 247/24, n.º23).

As escolas precisam de disponibilidade de recursos didáticos e de professores qualificados para garantirem a promoção da literacia. “As escolas do Subsistema de Ensino Geral devem dispor dos recursos educativos necessários, nomeadamente materiais de apoio escrito e audiovisual, bibliotecas, laboratórios, meios informáticos” [...] (Decreto Presidencial n.º162/23, art. 15º, n.º6). O que se verifica nas escolas do Ensino Primário é o contrário, à medida que uma boa parte delas não dispõem de recursos básicos para garantirem o ensino da leitura e da escrita, com ênfase nas escolas das zonas recônditas. Para se ter uma ideia, os alunos chegam a terminar o Ensino Primário sem livros didáticos e pior: as escolas não dispõem de bibliotecas, bem como não realizam feiras do livro. Ora, estes indicadores contribuem para a fraca habilidade de reconhecimento de palavras e, conseqüentemente, a incapacidade de ler rapidamente, corretamente, com precisão. Tais ações contribuem para que os alunos sejam incapazes de compreenderem e interpretarem textos.

De acordo com Meggiato (2022), “no início da escolarização os estudantes precisam aprender a ler, mas com o avanço da escolaridade, devem progredir neste processo para que, com a leitura dominada, possam ler para aprender os diferentes conteúdos” (p.20). É justamente por esta razão, que nós temos defendido que as escolas do Ensino Primário em Angola precisam de professores preparados com metodologias de ensino voltadas às Tendências Psicopedagógicas Contemporâneas e que as Zonas de Influência Pedagógica sejam um espaço autêntico para ajudar os professores que apresentam dificuldades de cunho científico e

pedagógico, em vez de ser um espaço de “*copy paste*” dos conteúdos programáticos ao nível nacional.

A nossa experiência pedagógica no Ensino Primário faz-nos entender e defender que o gosto pela leitura precisa ser promovido a partir do Ensino Primário, através de livros infantis que refletem o cotidiano das crianças. Para o efeito, os professores do Ensino Primário precisam criar textos a partir das histórias contadas pelas crianças na sala de aula, solicitando que os alunos escrevam textos para, posteriormente, serem interpretados dentro ou fora da sala de aula. O reconhecimento da potencialidade dos alunos passa a ser um incentivo para o desenvolvimento da literacia dos alunos, pois, quando o pensamento da criança é valorizado e estudado na turma, a criança desenvolve o gosto da escrita e da leitura, simultaneamente.

Quadro 1- Lista de Obras de Literatura Angolana para 1^a a 2^a classes

1 ^a classe		2 ^a classe	
Título do livro	Autor	Título do livro	Autor
Lenganga, Trava-linguas	Cremilda de Lima	Duas amigas abelhas de girassol	Manueal Rui
À noite, a árvore e o passarinho do Bibe Maravilha	Jorge Macedo	O círculo de giz bombóm	Henrique Guerra
O Patinho que não sabe nadar	Octaviano Correia	Quatro histórias	Cremilda de Lima, Dário de Melo, Gabriela Antunes e Maria João
Avô Sabalo	Kanguimbo Ananás	A revolta dos livros	Sofia Cocho-Osório
Wana no país do silêncio	Vitorino Kiala	Vari, a incrível palanca	Sendi Baptista
A girafa que comia estrela	José Eduardo Agulusa/ Henrique Kayatte	O leão e a lebre	Amélia Mingas
A palanca vaidosa	Raul David	Alupopo (livros de adivinhas e provérbios em Umbundo-Português)	Henrique Etaungo Daniel
O kyanga ni Kaulungu ka fuxi	Cremilda de Lima	A velha sanga partida	Cremilda de Lima

Fonte: Decreto Presidencial n.º 247/24 de 8 de Novembro.

Segundo Ndombele e Timbane (2020), “seria muito interessante trazer para a sala de aula textos escritos por angolanos, literatura angolana e outros materiais escritos na variedade angolana de português” (p.311).As escolas públicas do Ensino Primário em Angola carecem

de livros infantis, infelizmente, as escolas que dispõem de livros infantis são as escolas privadas, muitos alunos das escolas públicas terminam este nível sem ter lido pelo menos um livro infantil. O quadro acima, sobretudo o grupo n.º 1, apresenta lista de obras de literatura angolana para os alunos da 1ª e 2ª classes. Como materializar o Plano Nacional da Leitura 2024-2027 ao nível de Angola, tendo em conta que uma boa parte das escolas primárias não dispõem de biblioteca? Os livros selecionados encontram-se em todas as escolas primárias? Pese embora as escolas primárias não disporem de bibliotecas, necessariamente, as escolas deviam construir uma “sala de livros e de leitura” para facilitar a promoção da literacia aos alunos do Ensino Primário.

Um dos fatores que inviabiliza a promoção da literacia nas classes iniciais do Ensino Primário é que “nas escolas, muitos professores acreditam que não podem disponibilizar textos para estudantes em fase de alfabetização, pois estes ainda não leem com fluência” (Meggiato, 2022, p.51). Ao alfabetizarem as crianças, em geral, os professores partem do ensino das letras e dos seus respetivos sons, seguidamente formam sílabas e palavras, e posteriormente começam a ensinar ler textos. No ensino da leitura de textos, “os estudantes não devem ser ensinados apenas a decodificar de forma precisa e automática, mas também a compreender o que leem” (p.51).

Os documentos legislativos sobre o incentivo e a promoção da leitura em Angola sinalizam de forma muito clara a importância da leitura nos alunos “o livro deve ser um bem a todos acessível e deve constituir um vetor fundamental na luta contra o analfabetismo e na promoção do conhecimento, em particular nas zonas rurais” (Decreto Presidencial n.º 105/11, n.º2.7). O Plano Nacional da Leitura 2024-2027, igualmente, vislumbra que “o livro deve ser um bem acessível a todos e deve constituir um vetor fundamental na luta contra o analfabetismo e a promoção do conhecimento, visto que a prática da leitura contribui para a melhoria das aprendizagens” (Decreto Presidencial n.º 247/24, nº12).

INFLUÊNCIA DAS LÍNGUAS BANTU NA LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA

Uma boa parte das crianças em idade escolar em Angola, antes de ingressar na escola, já domina uma língua nacional. Estas crianças, ao se apropriarem de uma nova língua, no caso, a língua portuguesa, nas suas falas, incorporam palavras das suas línguas maternas na língua portuguesa, de maneira que ao se expressarem em língua portuguesa, inevitavelmente, encontram dificuldades de se expressarem da mesma forma que os falantes que têm a língua portuguesa como língua materna. De acordo com Ndombele e Timbane (2020), “As escolas

angolanas, de um modo geral, são frequentadas por alunos vindos de diversas matrizes étnicas que compõe o mosaico sociolinguístico e étnico, pese embora o estatuto privilegiado do português como língua de ensino” (p.294).

Por causa das influências das línguas bantu na língua portuguesa, o povo ambundu tem o sotaque e fonética diferente do povo ovimbundu. Assim como bakongo tem um sotaque diferente do povo tchokwe, basta notarmos que algumas pessoas do Norte de Angola pronunciam “caro” a palavra carro, ao passo que outros povos do Norte de Angola, pronunciam “trinda” a palavra trinta, como sabemos, isso acontece por causa das interferências linguísticas, sendo assim, é fundamental que o professor respeite essas particularidades e diversidade na sala de aula. Segundo os estudos de Ndombele e Timbane (2020), “Os livros escolares de língua portuguesa em Angola não têm nenhum capítulo destinado ao estudo da variação linguística como se ela não existisse. Os falares de um angolano no Uíge e os falares de um angolano em Luanda ou Kunene não são os mesmos” (p.306). No entanto, vale reafirmar que professor sendo o dirigente do processo educativo escolarizado, precisa levar em consideração as particularidades linguísticas dos alunos para orientar o processo de ensino-aprendizagem sem discriminação linguística.

As escolas e os professores precisam valorizar a diversidade linguística, garantindo de certa forma a aprendizagem significativa para todos alunos, independentemente da sua língua materna:

Se o docente se colocar como insensível e incapaz de compreender a dificuldade desta tarefa, num cenário em que as competências orais, escritas e reflexivas não possuam a fundamentação contextualizada sobretudo de uma LM, poderá, conseqüentemente, ser incapaz de poder atingir os objetivos preconizados numa perspectiva intercultural e multicultural do sujeito aprendente”. (Bulo, 2024, pp. 88-89)

CONDIÇÕES SOCIOECONÓMICAS E EDUCACIONAIS DOS ALUNOS DO ENSINO PRIMÁRIO EM ANGOLA

Uma boa parte das famílias em Angola encontra-se numa situação de pobreza extrema, há família que tem apenas uma refeição diária. Muitas crianças vão e regressam à escola com fome, percorrendo, no entanto, muitos quilómetros. O agravante é que muitas crianças atravessam rios para chegarem à escola. Portanto, estes indicadores trazem à tona um dos

fatores que contribuem para o insucesso da proficiência da leitura e do próprio ensino-aprendizagem.

As condições socioeconômicas das famílias têm influenciado, significativamente, na progressão dos alunos do ensino primário. Estudos indicam que os pais que têm hábito de leitura e leem livros para seus filhos, estes, no caso, os filhos, desenvolvem as habilidades de leitura mais rápido em relação às crianças cujos pais não têm hábito de leitura. De acordo com Buló (2024), em Angola “assiste-se a uma gritante precariedade de condições, assim como em alguns casos a falta de professores, ou ainda do número insuficiente de material didático, assim como da falta de outros meios de apoio, e da chegada, por vezes tardia, de programas curriculares” (p.94).

No ensino primário em Angola ainda é muito notório um professor lecionar duas ou mais classes numa única sala de aula e no mesmo horário. Muitos professores que lecionam neste nível de ensino não têm formação pedagógica para trabalharem no Ensino Primário. Nas escolas periféricas e nas escolas das zonas recônditas, o absentismo dos professores é muito frequente; os professores que abusam do álcool constantemente e que estejam a trabalhar no I ou II ciclo do Ensino Secundário, uma das medidas corretivas é, nada mais e nada menos, a colocação do/s professor/es a lecionar/em no Ensino Primário, como se este nível de ensino fosse para professores irresponsáveis, como consequência, as crianças do mesmo nível têm sido as principais vítimas, na medida em que encontram professores que não estão preocupados com a aprendizagem significativa, por um lado. Por outro, muitas crianças chegam a terminar o Ensino Primário com muitas dificuldades de leitura fluente. No entender de Corso e Meggiato (2019), “é urgente a formação de políticas públicas de valorização efetiva da educação escolar e que também se ocupem da problemática das dificuldades de aprendizagem” (p.68). As autoras acrescentam que “a formação do professor se faz fundamental quando se trata de auxiliar os alunos a reverterem o quadro de dificuldades de aprendizagem que enfrentam” (p.68).

As escolas do Ensino Primário, sobretudo as das zonas periféricas e recônditas, dificilmente apresentam condições básicas para se efetivar um ensino personalizado e de qualidade:

As turmas possuem um número elevado de alunos, que, por vezes, ascende a oitenta educandos; as más condições de trabalho da sala de aula (falta de energia elétrica, de cadeiras e mesas em número suficiente, entre outras); a falta de livros e o preço

exorbitante destes, o que faz com que as famílias não possam comprar material de leitura para seus jovens.(Oliveira, 2016, p.420)

Atualmente, as escolas e os professores precisam conduzir o processo de ensino-avaliação-aprendizagem de forma personalizada. Infelizmente, no contexto angolano, a realidade é diferente, pois, em geral, a avaliação escolar tem sido utilizada para sancionar os alunos, fomentar a competitividade e desenvolver um espírito de egoísmo, em vez de servir como um meio regulador do processo de ensino-aprendizagem.

Fruto de muitas famílias angolanas apresentarem condições desfavorecidas, uma boa parte dos alunos do Ensino Primário termina este nível sem ter lido pelo menos um livro infantil, isto influencia no fraco desenvolvimento das habilidades da leitura, nomeadamente, no reconhecimento de palavras, na fluência leitora e na interpretação de textos. Atendendo à vida precária das famílias angolanas, Oliveira (2016), defende que “muitos encarregados de educação não têm capacidade financeira para comprar livros aos seus educandos. Cabe ao Governo Provincial criar condições para que todos os alunos tenham acesso a livros” (p.430).

Os dados do Instituto Nacional de Avaliação de Desenvolvimento da Educação demonstram que os “alunos em contextos rurais e com menor acesso a materiais de leitura apresentam maiores dificuldades de fluência” (INADE, 2024, p.28). As políticas educacionais em Angola estão muito longe de serem concretizadas na vida dos alunos, para dar corpo a nossa proposição acima elencada, em 2011, o Estado angolano já pensou criar um decreto sobre Política Nacional do Livro e da Promoção da Leitura, o qual consagra que “o livro, em particular o livro escolar, deve estar disponível em tempo oportuno, com qualidade e quantidades necessárias, (Decreto Presidencial n.º105/11, n.º3.2). No entanto, há uma distância abismal sobre o que é decretado e o que é verificado e vivido no seio escolar em Angola. Sendo assim, importa colocar algumas questões: as escolas do Ensino Primário beneficiam-se de biblioteca? Os professores levam os alunos à biblioteca? Em todo território nacional há biblioteca municipal? Nestas bibliotecas, encontram-se muitos livros de autores angolanos? Os livros infantis refletem a vida social e cultural das crianças? As questões ora colocadas, levam-nos a entender que os alunos apresentam muitas dificuldades de leitura, pelo fato das escolas não dispuserem de recursos didáticos que incentivem o gosto pela leitura, bem como a fraca qualidade na formação de professores do Ensino Primário alinhada à discrepância entre o discurso político e sua materialização nas escolas.

FLUÊNCIA DE LEITURA DOS ALUNOS DO ENSINO PRIMÁRIO EM ANGOLA

Segundo Meggiato (2022), a fluência da leitura é a “habilidade de ler um texto rapidamente, precisamente e com expressão adequada” (p.25). Uma vez que em Angola há variedade do português, como diferenciar a expressão adequada da expressão não adequada? Segundo Ndombele e Timbane (2020), “as manifestações da variedade angolana do português se mostram em nível lexical, fonético-fonológico, semântico, pragmático, sintático e morfológico” (p.296).

Os autores levam-nos a perceber que não há uma única forma correta de falar o português, tendo em conta que a língua se manifesta de diversas maneiras por causa do contexto dos falantes. De acordo com Ndombele e Timbane (2020), “é necessário que a escola valorize a variedade angolana de português porque é ela que se manifesta no seio dos angolanos” (p.297). Desta forma, nós entendemos que a fluência de leitura é a capacidade e a habilidade de decodificar palavras, de ler corretamente, de ler com rapidez e com expressão adequada segundo o contexto do leitor, resultando na interpretação do texto lido.

O propósito da leitura é a compreensão e interpretação do texto. Na sala de aula, quando um professor solicita para um aluno ler em voz alta, ao nosso ver, o propósito do professor é, ou seria, que os alunos compreendessem e interpretassem a frase ou texto lido pelo colega de turma, não interessando se o aluno pronunciou a palavra trinta, “trinda”. Timbane e Mendonça Rezende (2016), defendem que “não existe, até aqui, um modelo fonético da língua, isto é, um modelo da pronúncia das palavras” (p.394). Mais adiante os autores afirmam que “a escola deve respeitar as variedades do português, mas sem deixar de mostrar o que a norma padrão exige” (p.396).

Segundo Oliveira (2016), em Angola, “os professores dedicam pouco tempo à leitura e não trabalham a competência sistematicamente em sala de aula” (p.414). De acordo com Corso e Salles (2009), os professores precisam entender que “acesso ao léxico em uma perspectiva interativa envolve a combinação entre informação contextual, visual, fonológica e ortográfica. A leitura competente necessita de automatismo no acesso ao léxico e habilidades cognitivo-linguísticas mais complexas para possibilitar a compreensão do que é lido” (p.29).

No processo de ensino-aprendizagem da leitura na 1.^a classe, os professores geralmente têm ensinado as crianças a lerem a partir da via fonológica, deixando a via lexical para as classes posteriores, ou seja, os professores entendem que só podem ensinar a leitura a partir da via lexical, quando os alunos já dominam a primeira habilidade da leitura, reconhecimento de

palavras, no entanto, ao nosso ver, no ensino da leitura, neste caso, o ensino fono-lexical deveria ser indissociável, na medida em que o ensino da leitura precisa ser contextualizado. No ensino da leitura, é importante o professor reconhecer que na língua portuguesa existe palavra regular, irregular e pseudopalavra.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA FLUÊNCIA DE LEITURA

Segundo o Instituto Nacional de Avaliação e de Desenvolvimento da Educação (2024), o instrumento de avaliação da fluência de leitura aplicado aos alunos da 2.^a classe “consistiu na aferição da capacidade de os alunos lerem, com velocidade e com precisão (automaticidade), um número de palavras dicionarizadas e outro de palavras inventadas, assim como um pequeno texto, num tempo determinado” (p.26). Pesquisadores que estudam fluência de leitura defendem que, ao aplicarmos uma avaliação de fluência da leitura, a compreensão leitora precisa estar incluída no instrumento da avaliação para se colher dados mais satisfatório a respeito da habilidade da fluência de leitura. Meggiato et al. (2025), defendem que “é fundamental garantir o ensino não apenas da decodificação, mas elaborar estratégias didáticas focadas em fluência de leitura e compreensão leitora” (p.23).

Ler um texto é mais do que pronunciar as palavras com velocidade e com precisão. Porquanto ler significa fazer inferência do texto, ou seja, pressupõe compreender e interpretar texto, possibilitando o leitor de certa forma ter uma visão global e parcial do texto e além do texto. Quando se lê, dialoga-se e discute-se com o escritor ou o autor por meio do texto, em síntese, a leitura fluente leva-nos a fazer deduções. No nosso entender, o instrumento aplicado sobre a fluência de leitura aos alunos da 2.^a classe, não possibilita colher informação integral da habilidade de fluência de leitura. É importante que os professores do Ensino Primário comecem a incentivar, desde cedo, os alunos a desenvolverem a capacidade de fazerem inferências, para tal, é *sine qua nom* que professores não se limitem nas perguntas de memorização, independentemente da disciplina que estiver a lecionar.

As aulas de leitura e interpretação de texto, no Ensino Primário, têm sido substituídas pelas aulas de “leitura e memorização de texto”. Infelizmente, até os manuais escolares do Ensino Primário promovem a memorização de textos em detrimento da compreensão e interpretação de textos. Desenvolver a capacidade de memorização nos alunos do Ensino Primário é importante, no entanto, o fazer pedagógico do professor não deve se limitar apenas no desenvolvimento da capacidade de memorização, é necessário estimular os alunos a

desenvolverem a capacidade de fazer inferências, desde as classes iniciais, no caso, 1.^a e 2.^a classes.

Segundo Corso e Salles (2009), “certa capacidade de leitura de palavras é necessária para ler um texto com compreensão e que falhas na leitura de palavras prejudicam a compreensão adequada do texto, apesar de ser possível auxílio do contexto na leitura menos precisa de palavras” (p.33). De acordo com Meggiato et al. (2021), “se o aluno decodifica, não quer dizer que tenha fluência na leitura(...); é importante trabalhar os três domínios da leitura, reconhecimento de palavras, fluência e compreensão” (p.12). Ao elaborarmos um instrumento de avaliação da fluência de leitura é imperioso esta habilidade, é necessário incluirmos no instrumento as outras habilidades de leitura, nomeadamente, o reconhecimento de palavras e a compreensão leitora, pois vários estudos sobre fluência leitora defendem que no processo de leitura há uma relação entre reconhecimento de palavras, fluência de leitura e compreensão de leitura. Segundo o Instituto Nacional de Investigação e de Desenvolvimento da Educação (2019), alguns dos objetivos da língua portuguesa na 2.^a classe são “conhecer palavras, frases, assuntos e temas leccionados no Ensino Primário; Compreender a língua através da leitura, interpretação e escrita de textos adequados à classe” (p.12).

Quadro 2- Distribuição dos alunos por perfis de leitores - ANA 2024 – 2.^a Classe

Não leu	Pré-leitor	Leitor iniciante	Leitor fluente
41%	51%	7%	1%

Fonte: Adaptado do relatório da Avaliação Nacional das Aprendizagens do ano letivo 2023-2024, INADE, 2024.

A avaliação foi aplicada “sob as mesmas condições para todos os alunos, de modo a comparar ao longo dos anos e mostrar as tendências de aprendizagem dos alunos (INADE, 2024, p.8). Os estudos de Corso et al. (2019), sinalizam que “a implicação educacional mais clara do modelo de rede, e das evidências empíricas que o sustentam, é que a instrução será tanto mais efetiva quanto mais ela for compatível com as habilidades de linguagem e leitura dos alunos, o que supõe algum grau de individualização do ensino” (p.217). As autoras persistem em defender que “individualizar a instrução de leitura é mais efetivo em aumentar as habilidades de leitura dos estudantes do que promover uma instrução com a mesma qualidade, mas sem individualizá-la” (p.215). “É uma aberração pensarmos que é possível colher dados fiáveis sobre a aprendizagem dos alunos (...) e do sistema de ensino tendo como base os resultados de uma prova ou exame, principalmente para um país como o nosso” (Panda, M, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso estudo permitiu-nos entender que é necessário incluímos no instrumento da avaliação da fluência de leitura as outras habilidades de leitura: o reconhecimento de palavras e a compreensão leitora. Ora, o instrumento aplicado sobre a fluência de leitura aos alunos da 2.^a classe não possibilita colher informação integral da habilidade de fluência de leitura. A análise do programa da 2.^a classe levou-nos a inferir que os manuais escolares do Ensino Primário e os professores promovem a memorização de textos em detrimento da compreensão e interpretação de textos.

Em geral, a pesquisa demonstrou-nos que as condições socioeconômicas das famílias têm influenciado significativamente na progressão dos alunos do ensino primário, em primeira instância. As escolas públicas do Ensino Primário em Angola carecem de livros infantis, pois muitos alunos do Ensino Primário terminam este nível sem ter lido pelo menos um livro infantil, em segunda instância. Ademias, as políticas educacionais em Angola estão muito longe de serem concretizadas na vida dos alunos.

Em Angola, há inexistência de estudos sobre a fluência de leitura, uma vez que os estudos realizados em Angola se centram no reconhecimento de palavras e na compreensão de textos. Portanto, a fluência de leitura tem sido vislumbrada nas temáticas de reconhecimento de palavras e compreensão de textos.

Destarte, espera-se que o presente estudo forneça subsídios para novas investigações sobre a fluência de leitura, augurando, assim, que os novos estudos permitam intervenções pedagógicas com auxílio das entidades governamentais de cada município de Angola, por formas a amenizar os problemas de fluência de leitura nos alunos do Ensino Primário.

Em suma, o governo angolano precisa materializar urgente e gradualmente a Política Nacional do Livro e da Promoção da Leitura. As escolas do Ensino Primário precisam de professores preparados com metodologias de ensino voltadas às Tendências Psicopedagógicas Contemporâneas e que a Zonas de Influência Pedagógica sejam um espaço autêntico para ajudar os professores que apresentam dificuldades científico-pedagógicas, de maneira a levarem os alunos a ultrapassarem os problemas no processo de ensino, avaliação e aprendizagem atinentes à fluência de leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Angola. Decreto Presidencial n.º 162/23 de 1 de Agosto. Regime Jurídico do Ensino Primário e Secundário do Subsistema de Ensino Geral. Diário da República. I Série, n.º 142.
- Angola. Decreto Presidencial n.º 105/11 de 24 de Maio. Política Nacional do Livro e da Promoção da Leitura. Diário da República. I Série, n.º 95.
- Angola. Decreto Presidencial n.º 247/24 de 8 de Novembro. Plano Nacional da Leitura 2024-2027. Diário da República. I Série, n.º 215.
- Antônio, C.F. (2024). A língua usada como produção do espaço, do território, do lugar, do cotidiano e do sistema cultural. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial II): 117-130.
- Augusto, M. A. (2020). O Ensino de Língua Portuguesa em Angola. *VERBUM* (ISSN 2316-3267), v. 12, n. 1, p.6-3.
- Basso, F. P., Piccolo, L. R., Miná, C. S & de Salles, J. F. (2019). Instrumento de avaliação da fluência de leitura textual: da decodificação à compreensão de leitura. *Letras de Hoje*, v. 54, n. 2, p. 146-153. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2019.2.32519>
- Bastos, M. C. & Ferreira, D.V. (2016). Metodologia científica. Editora e Distribuição Educacional.
- Bulo, A. Z. (2024). O português em Angola: língua materna e língua segunda nos subsistemas de ensino. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (1): 80-97.
- Carvalho, J.M. (2010). A visão de ciência e de metodologia de pesquisa em diferentes perspectivas e/ou “escolas” filosóficas. *Caderno de pesquisa em educação*. PPGGE. Vitória. V.16. v.32. pp. 8-28. Recuperado em <https://periodicos.ufes.br>.
- Corso, H. V. & de Salles, J. F. (2009). Relação entre leitura de palavras isoladas e compreensão de leitura textual em crianças. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 28-35.
- Corso, H. V., Assis, E., Nunes, D. M & De Salles, J. F. (2019). Desenvolvimento da compreensão de leitura: o papel decisivo da instrução focada nas diferenças individuais. *Letras de Hoje*, v. 54, n. 2, p. 211-220. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2019.2.32445>
- Corso, L. V. & Meggiato, A. O. (2019). Quem são os alunos encaminhados para acompanhamento de dificuldades de aprendizagem? *Rev. Psicopedagogia*; 36(109): 57-72
- De Figueiredo, H.S, (2024). A Língua Portuguesa e as raízes sóciohistóricas da colonização linguística em Angola: possibilidades para a desconstrução. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras* São Francisco do Conde (BA) | Vol.4, nº Especial II | p.84-100 |
- Instituto Nacional de Avaliação e de Desenvolvimento da Educação. (2024, Novembro). Avaliação Nacional das Aprendizagens 2024- Análise dos resultados. Ministério da Educação, República de Angola

Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação. (2019). Programa da 2.^a classe: Ensino Primário. Editora Moderna.

Meggiato, A. (2022). Fluência de leitura: Evidências teóricas e empíricas. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.]

Meggiato, A. O., Corso, H. V., & Luciana Corso, V. (2021). Fluência de leitura: Evolução do construto e relações com a compreensão. *Cadernos de Pesquisa*, 51, Artigo e07797. <https://doi.org/10.1590/198053147797>

Meggiato, A., Corso, H. V., Nogueira, C.P.&Corso, L.V. (2025). Fluência de leitura: influências do reconhecimento de palavras e da compreensão em estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental. *Educação | Santa Maria | v. 50*. ISSN: 1984-6444 <http://dx.doi.org/10.5902/1984644483762>

Ndombele, E.D. & Timbane, A. A. (2020). O Ensino de Língua Portuguesa em Angola: Reflexões Metodológicas em Contexto Multilíngue. *Fólio – Revista de Letras*. Vitória da Conquista. v. 12, n. 1.

Oliveira, C. (2016). Importância da leitura na formação de estudantes competentes – estudo de caso da província do Uíge, Angola. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 12 - n. 2 - p. 414-431*. <http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v12i2.6380>

Panda, M. (2023, 20 de Dezembro). É uma aberração pensarmos que é possível colher dados fiáveis sobre a aprendizagem dos alunos. [Postagem no Facebook]. <https://www.facebook.com/mbaupanda/post/100003536166609>

Ribeiro, J. (2020). Ensino de português para falantes de outras línguas: identidades e [re]invenções em contexto de integração. *Fólio – Revista de Letras*. Vitória da Conquista. v. 12, n. 1.

Timbane, A. A., & Mendonça Rezende, M.C. (2016). A língua como instrumentos opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique. *Travessias*, 10 (3), e 15582. Recuperado de <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/15582>

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.